

Arte: A Expressão Individual Através do Desenho em Crianças de 3 e 4 anos

*Daniele Silva do Nascimento¹
Juliana de Alcântara Silveira Rubio²*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo expor a importância da arte na educação infantil, para desenvolver a capacidade criadora e de expressão nas crianças. A educação em artes propicia o desenvolvimento artístico, caracterizando uma maneira particular de dar sentido às experiências das pessoas, por meio da arte a criança amplia a sensibilidade, a reflexão e a imaginação, intensificando as relações dos indivíduos consigo mesmos, com os outros e com o mundo.

Palavras Chave: Arte, criança, educação.

1. Introdução

O tema presente foi escolhido por se tratar de algo que impulsiona a aprender, é de grande valor saber que a arte proporciona o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, amplia os horizontes cognitivos e a compreensão e expressão do indivíduo. A criança desde pequena se encontra com as mais variadas formas de arte, quando ela entra na escola cresce a necessidade de compreensão e expressão através da arte. A escola deve ter por objetivo a formação de cidadãos que respeitem as diversidades culturais, dessa forma é preciso repensar as estratégias e metodologias que cercam o ensino de Artes. Observando que o presente artigo seja auxiliar nas reflexões sobre o papel da Arte na escola.

O conhecimento em Artes promove o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que integram um modo único de classificar e dar sentido à experiência humana. O indivíduo desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto na realização de formas artísticas, quanto na apreciação e conhecimento de formas produzidas por ele e por outras pessoas, pela natureza e por culturas diferentes. Compreender arte envolve momentos de apreciar, fazer e conhecer a produção artística da humanidade.

¹ Aluna do curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional da FAC-São Roque.

² Mestre em Educação pela UNESP. Professora Orientadora.
Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em Artes faz com que o aluno se relacione criadoramente com outras disciplinas do currículo, pois quando o indivíduo exercita sua imaginação fica mais apto a construir um texto, desenvolver estratégias para resolução de problemas matemáticos.

Através da arte se desenvolve o pensamento artístico, caracterizado de uma maneira particular expondo as experiências das pessoas, com a arte o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve criar trabalhos artísticos, apreciar, refletir sobre eles, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre produções artísticas de culturas e épocas distintas. O trabalho com Arte possibilita a expressão, a criação e a comunicação, ampliando e intensificando as relações dos indivíduos consigo mesmos, com os outros e com o mundo.

Para Iavelberg (2003) quem conhece arte aumenta a sua participação na sociedade, pois interage de maneira única com o meio cultural. A arte possibilita o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a outras áreas de estudo, tem valor como construção humana e patrimônio que deve ser apropriado por todos.

Nesse artigo o objetivo geral é compreender a forma como a criança expressa seus sentimentos através de seus desenhos, conhecendo a expressão individual das mesmas. O artigo aqui desenvolvido pretende contribuir para o planejamento de práticas educativas que favoreçam o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e da expressão das crianças.

2. A Arte na história do homem

A partir do início da história, a arte sempre esteve presente em quase todas as formações culturais. Dessa forma o ensino de arte faz parte do ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. A música, as Artes Plásticas, o teatro, a dança fazem parte do cotidiano do homem, sendo assim, integra em suas diferentes manifestações, o processo da construção cultural do saber humano.

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. (BRASIL, 1997.p21)

Nas sociedades mais primitivas a arte é um acontecimento coletivo, as expressões artísticas se estendem a toda população, é o caso do teatro, das danças nos rituais, da música executada em grupos, das pinturas e esculturas em lugares públicos. A participação do público é muita, diminuindo os limites entre atores e espectadores.

O fato de a Arte permear a história do homem não ocorre fortuitamente, mas sim, porque ela tem uma função determinada e necessária para a existência do homem. Configuradas distintamente de acordo com a organização socioeconômica e com o estágio de desenvolvimento tecnológico e científico, as formas de expressão artística subsistiram sempre na história do ser humano porque elas têm entre outros aspectos, uma funcionalidade específica no processo de construção de conhecimento do indivíduo. (FRANÇA, [s/d] p78)

De diferentes modos a arte surge e integra períodos da história, representam uma determinada sociedade e atividades envolvidas com a sua subsistência. Em alguns períodos históricos a arte adquire um papel menos relevante. Desse modo seu papel é modificado pelo desenvolvimento dos povos.

Com diversas modificações sociais e econômicas a arte foi se tornando uma atividade restrita a determinados espaços, pois muitas vezes com pouco acesso aos indivíduos, geralmente a elite de um grupo social. A arte pode modificar a dinâmica social ao provocar na pessoa o repensar sobre sua própria realidade, sua história, atingindo sua formação.

Uma questão fundamental para o ser humano é estabelecer ligações com pessoas e grupos que lhe garantam a sobrevivência. O homem não vive sozinho, ele é dependente dos seus seres adultos. Os instrumentos de sobrevivência se modificam de acordo com o acúmulo de conhecimento. As ligações entre as pessoas acontecem porque nós temos a capacidade de nos emocionarmos. É através da emoção que o homem estabelece vínculos. A manifestação artística está ligada aos sentimentos, ao emocional, a sensibilidade, se opondo ao racional, ao real. Em toda atividade artística há emoções. É na ação da arte que a emoção se organiza. Desse modo a experiência artística promove a organização dos seres em grupos, como podemos observar nos rituais, que são definidos como ação coletiva.

As práticas educativas surgem de mobilizações sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso de arte, também artísticas e estéticas. Quando caracterizadas em seus diferentes momentos históricos, ajudam a compreender melhor a questão do processo educacional e sua relação com a própria vida. (FERRAZ e FUSARI, 1993. p27)

Em 1816 com a criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, houve a instalação oficial do ensino artístico, imitando os modelos europeus. Aqui como na Europa o desenho era considerado a base de todas as artes, era matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo na Academia Imperial. No ensino primário o desenho objetivava desenvolver habilidades técnicas e o

domínio da racionalidade. Nas famílias mais ricas as meninas ficavam em suas casas para serem preparadas com aulas de música, bordado e outras.

Entre as interferências sociais e culturais que marcam o ensino de Artes no Brasil, destacam-se:

- O ensino artístico (desenho), preparando para o trabalho (operários), originado no século XIX durante o Brasil Imperial e presente no século XX;
- Princípios do liberalismo (importância para a liberdade e aptidões individuais) e do positivismo (racionalismo e exatidão científica), por um lado e da experimentação psicológica, por outro, agindo na educação escolar em geral (escolar tradicional e nova) e também na educação em Arte do século XX;
- A confusão, os conflitos, os tecnicismos e a dependência cultural demarcados no ensino de arte após a implementação da Educação Artística nas escolas brasileiras na década de 70 (Lei de Diretrizes e Bases 5692/71);
- Movimento dos educadores (de associações de arte-educadores) no início dos anos 80;
- Luta pela inclusão da obrigatoriedade de Arte na escola e Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional após a Constituição Brasileira de 1988;
- E tomada de experiências pedagógicas na área de arte, sistematização de cursos ao nível de pós-graduação;
- Novas concepções estéticas e tendências na arte contemporânea que modificam os horizontes artísticos e a docência em arte;
- Os debates sobre conceitos e metodologias do ensino de arte que aconteceram no Brasil e em outros países (a partir dos anos 80).

No início do século XX o ensino de arte (desenho) se apresenta como preparação técnica para o trabalho e valoriza o traço, os contornos, e a repetição, desenho de ornatos, cópias e desenhos geométricos, visavam a vida profissional para trabalharem em fábricas e com serviços artesanais.

Os programas de desenho do natural, desenho decorativo e desenho geométrico eram centrados nas representações convencionais de imagens, os conteúdos eram bem discriminados, abrangendo noções de proporção, perspectiva, construções geométricas, composição, esquemas de luz e sombra. Nas Escolas Normais os cursos de desenho incluíam ainda o “desenho pedagógico” onde os alunos aprendiam esquemas de construções gráficas para “ilustrar” as aulas. (FERRAZ e FUSARI, 1993. p30)

Desse ponto de vista os professores que seguiam com a pedagogia tradicional trabalhavam com atividades que seriam fixadas através da repetição, tinham por objetivo exercitar a vista, a mão, a

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

inteligência, a memória, o gosto e o senso moral. Esse método tradicional se interessa pelo produto do trabalho escolar, a relação entre professor e aluno é autoritária, e os conteúdos são considerados verdades absolutas, não podendo ser questionados pelos alunos.

A partir dos anos 50, passam a fazer parte do currículo escolar não só o desenho, mas também as matérias de música, canto orfeônico e trabalhos manuais, porém a aprendizagem consistia na transmissão de conteúdos reprodutivistas, não vinculados com a realidade social e diferenças individuais. O conhecimento é centrado no professor que desenvolve em seus alunos conceitos de precisão, organização e limpeza.

O movimento da escola nova se origina na Europa e Estados Unidos (século XIX), surge no Brasil em 1930 e se dissocia nos anos 50/60 com escolas experimentais. Com ênfase na expressão e aspectos individuais que chegam aos afetivos. A preocupação é com o método, com o aluno e seus interesses, sua espontaneidade, e o processo do trabalho, são frutos de uma pedagogia experimental, baseada na psicologia e na biologia. A escola nova vê o aluno como um ser criativo que precisa de condições de expressão artística, e que ao aprender fazendo saberá fazê-lo na sociedade.

A pedagogia tecnicista surge na segunda metade do século XX no mundo e no Brasil nos anos 60/70. Nessa pedagogia o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso, deixando em segundo plano o professor e o aluno. Com uma idéia mais mecânica o professor trabalha como seu planejamento e plano de aula centrado nos objetivos. Ainda no contexto tecnicista existe o uso de recursos tecnológicos e audiovisuais que sugerem uma modernização do ensino.

Nas aulas de arte os professores enfatizam um “saber construir” reduzido a seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucata, por exemplo), e um “saber exprimir-se” espontaneístico, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento de linguagens artísticas. Devido a ausência de bases teóricas mais fundamentadas, muitos valorizavam propostas e atividades dos livros didáticos que nos anos 70/80, estão em pleno auge mercadológico, apesar de sua discutível qualidade enquanto recurso para o aprimoramento dos conteúdos de arte. (FERRAZ E FUSARI, 1993. p 32/33)

Os professores enfatizam um saber construir com materiais diversificados, porém pouco ligados com linguagens artísticas, muitos professores utilizavam somente as propostas dos livros didáticos.

Em 1971 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no capítulo IV:

Art. 60: Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus observado quanto às duas primeiras no disposto nos títulos XV e XVI.

Em 1988, com a promulgação da Constituição iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria sancionada em 20 de dezembro de 1996. Com a Lei nº9.394/96, a Arte é considerada obrigatória na educação básica, no capítulo II:

Art.26 parágrafo 2 “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”

De acordo com COLI (1995. p 8) a arte pode ser caracterizada como: Arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é, nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. O mesmo complementa que a arte instala-se em nosso mundo através do aparato cultural que envolve alguns objetos: o discurso, o local e as atitudes de admiração.

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competências e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador de arte, o perito, o conservador de museu. (COLI, 1995. p 10,11)

COLI (1995) afirma que a arte possui o papel de distinguir e valorizar socialmente uma elite, e também que a arte é portadora de sinais deixados pelo não-racional coletivo social e histórico. Na sua visão a arte significa superioridade que um grupo determinado confere a si mesmo, interessar-se pela arte significa ser mais culto, ter espírito mais elevado, ser melhor que o resto das pessoas.

Às vezes, num primeiro momento, a arte pode nos parecer obediente e mensageira, mas logo percebemos que ela é sobretudo portadora de sinais, de marcas deixadas pelo não-racional coletivo, social, histórico. Por isso, não apenas ela faz explodir toda intenção redutora, normalizadora ou explicativa, como também se dá como específica forma de conhecimento, forma de conhecimentos bem diversos dos processos racionais. (COLI, 1995.p 109)

Para o mesmo, não é necessário apenas termos acesso às artes pelos álbuns, pelo rádio, pelos discursos, pela televisão é preciso também visitar museus, concertos, teatros, cinemas, exposições, conhecer monumentos para apreender o mundo que nos rodeia. Dessa forma COLI completa que a função da arte é de aprendizagem, seu domínio é o da sensibilidade sem fronteiras nítidas, diferente do mundo da ciência e que o contato com a arte nos transforma.

Para FIEST (1996) a arte tem a ver com a travessura, porque ambas requer imaginação, ousadia, dá prazer e desperta os mais variados sentimentos. FIEST acredita que a arte é um produto da criatividade humana, que utilizando conhecimentos, técnicas e um estilo, transmite uma experiência de vida, despertando a emoção, onde quanto maior for a experiência de vida e ampla a visão de mundo, maior a emoção que a arte desperta. Essa emoção que é despertada através da arte, varia entre as pessoas. A emoção que um indivíduo sente é muito diferente entre de outros, e nisso está um dos

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1 - 2014

fatores que constituem a grandeza da arte: ela permite várias interpretações, várias leituras, várias formas de ver o mesmo produto artístico, despertando variados sentimentos como alegria, tristeza, serenidade, inquietação, confiança, medo, entre outros. Leva-nos a pensar sobre as pessoas, sobre o mundo e sobre nós mesmos. Por muitas vezes a arte nos remete a uma visão imediata da realidade.

FIEST complementa que entendendo melhor as pessoas você se torna mais humano, mais disposto a perdoar as fraquezas dos outros, ela acredita que a arte pode nos ensinar isso, desde que se preste atenção nos detalhes que o artista apresenta.

...a arte melhora a qualidade de vida das pessoas, individualmente e até coletivamente, quando consegue, com sua força e sua verdade, modificar o mundo em que vivemos – ou pelo menos apontar alguns caminhos para que nossos desacertos diminuam e nossos acertos se multipliquem. (FIEST, 1996.p 91)

Já para Iavelberg (2003) a arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudo, ela afirma que a arte aumenta a participação do indivíduo na sociedade como cidadão, pois compartilha de um modo de interação único no meio cultural. Ela descreve a importância do professor nesse sentido.

O papel do professor é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal ação envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar. (IAVELBERG, 2003.p 10)

A autora acredita que a consciência de si como uma pessoa que é capaz de aprender, pode ser construída ou destruída na sala de aula, e é de responsabilidade do professor no ato de ensinar a gostar de aprender arte. Os alunos devem aprender por interesse e curiosidade, e não por pressão externa (IAVELBERG, 2003.p 10)

A participação dos alunos promove a autonomia quando ele tem consciência das atividades que executam. Deve-se ensinar arte através da própria arte, com uma orientação que visa à melhoria de condições humanas e promoção de direitos culturais. É dever do professor de arte propiciar múltiplas oportunidades de interação dos estudantes com os conteúdos modificando as formas de apresentá-los usando de discursos, narrações, imagens, meios eletrônicos, textos, enfim utilizam variados meios para ensinar diversas linguagens artísticas para os alunos tendo a idéia de que o aluno é que precisa transformar as informações em conhecimento a partir de interações sucessivas. “Aprender ou ensinar é criar ou ressignificar arte no contexto didático; por isso, é necessário que o aluno viva arte na escola” (IAVELBERG, 2003. p 40). A mesma destaca que os estilos variados individuais favorecem a participação diferenciada, a valorização da cooperação. É preciso ter ética na didática da arte para

difundir no aluno a vontade de aprender com autonomia, com uma postura solidária na relação com as pessoas e com o patrimônio cultural. O desenvolvimento do aluno em artes interfere nas expectativas e representações que o professor tem a seu respeito, ele o estudante precisa ter confiança sobre o contexto de aprendizagem.

Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à dos outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não preconceituosa com a diversidade das culturas. (IAVELBERG, 2003. p 10)

2.1 O desenho infantil

Inicialmente, o desenho para a criança, é uma ação motora sobre uma superfície. Onde ela utiliza vários movimentos e várias direções, explorando diversos materiais. Muitas vezes não saem do mesmo lugar no papel, e outras, riscam a folha inteira, misturando tudo que experimentaram. Esses movimentos são desordenados, porém a criança gosta de perceber os efeitos visuais que a ação produz.

Depois o desenho desordenado anterior dá lugar a formas circulares e definidas apresentando mais ordenação, e podem se referir a objetos naturais, imaginários ou a outros desenhos. Já consegue manter os riscos dentro do espaço estabelecido. Com o passar do tempo as crianças passam a fazer formas mais estruturadas, começam com símbolos simples, tentam representar um determinado objeto. As marcas feitas pela criança sobre o suporte começam a ser planejadas em sua mente. Passa a compreender a regularidade nos desenhos presentes no meio ambiente, e incorpora esse conhecimento em sua produções. Finalmente outros elementos além da figura humana, aparecem no desenho, compondo pequenas cenas, enquanto ela desenha vai explicando o que desenhou.

O grafismo infantil, é sobretudo narrativo e figurativo. Assim que descobre a possibilidade de representar o real por meio de signos, a criança contenta-se geralmente em desenhar objetos e não recorre com frequência à abstração. Seus desenhos narram, procuram transmitir uma mensagem. (MÈREDIEU, 1979. p 38)

De acordo com BORGES (1994), desenhar, modelar e realizar diversas construções com sucata e papéis é, para a criança, o meio primordial de expressão de seus pensamentos e sentimentos. A expressão através da arte pode trazer os sentimentos de quem a fez, dependendo do grau de envolvimento do sujeito com sua obra.

Em relação ao desenvolvimento emocional, a expressão pela arte pode trazer, em maior ou menor intensidade, os sentimentos de seu criador. Quanto maior ou menor o envolvimento do sujeito com sua obra, maior a possibilidade de estarem ali

presentes as suas alegrias e tristezas, as experiências vivenciadas e que lhe provocaram prazer, desprazer, espanto, temor, entusiasmo e muitas outras emoções. (BORGES, 1994. p 107)

De acordo com BORGES, o desenho pronto dado às crianças não desenvolve nenhum aspecto artístico, pois não permite a expressão da criança.

Se o traço não foi criado pela própria criança e sim pelo professor, que o apresentou em folhas mimeografadas, para que fosse colorido ou enfeitado, não podemos acreditar que ali passa ocorrer a expressão profunda de emoções. Precisamos, neste caso, ter a honestidade científica de classificar corretamente as atividades pré-escolares. Colorir um desenho pronto, colar macarrão, areia, grãos etc. sobre o mesmo é um exercício de coordenação visomotora, mas nunca de expressão artística, exatamente por não trazer o aspecto criativo, a singularidade, a subjetividade, que marcam, necessariamente qualquer trabalho de arte. (BORGES, 1994. p 108)

Também concorda com BORGES o seguinte autor, que discute a respeito dos desenhos prontos:

A criança desenha seguindo temáticas que são significativas para ela. É importante sublinhar que, quando a criança recebe modelos gráficos do adulto, ela percebe a diferença na qualidade e na firmeza de seus traços com relação aos dos esquemas gráficos do adulto. Ao fazer comparações, ela sente que seu próprio desenho é inadequado e tenta então imitar o outro. (CAMARGO, 1981. p 41)

Ainda para BORGES a criança ao desenhar, expressa fragmentos do real que lhe foram significativos, um desenho cheio de detalhes provavelmente tenha sido feito por uma criança inteligente curiosa e criativa, porém a falta desses elementos não quer dizer que a criança tenha inteligência inferior.

Existem diversas razões pelas quais a criança não inclui muitas particularidades em seus desenhos, entre elas, os bloqueios emocionais criados pelo ambiente e a carência de envolvimento com o objeto ou a situação que lhe pedem para retratar. (BORGES, 1994. p 109)

O desenvolvimento perceptivo está favorecido nas experiências artísticas quando interiorizam variadas sensações: visualmente na exploração de cores e formas, nas percepções táteis, pela variedade de texturas consistências. Também podem se incluir estímulos musicais criando relações internas com as crianças para serem expressas nos trabalhos de arte. Borges acredita que é de extrema responsabilidade do professor explorar sensorialmente os recursos para a criação artística, para com isso preparar o sujeito para a expressão. Existem dois aspectos relacionados ao desenho infantil que dificultam a expressão da criança: a imposição de técnicas e modelos ou o descaso pela produção infantil.

Arte exige inspiração, isto é, a centralização de energia para que intelecto e afetivo interajam, no que se chama de “momento da criação”. Com as crianças pré-escolares, esta situação motivadora poderá ocorrer de variadas formas: exploração prévia de situações reais ou imaginárias, narrativas literárias, peças musicais, pesquisa de materiais artísticos e através da exploração perceptiva e motora de um determinado recurso (jornal, tinta, giz, caixa de ovos, etc.) (BORGES, 1994. p 110)

Com esses materiais alternativos o professor deve explorar de variadas formas, perguntando para as crianças o que elas sentem em relação a ele, e o que podem criar com o objeto. A autora explica que explorar um material como recurso motivador, não é o mesmo que impor como ele deve ser usado pelas crianças.

Todas as atividades artísticas estimulam habilidades psicomotoras da criança com oportunidades variadas de movimentos, espaço, coordenação do corpo., também a variedade de recursos como tesoura, cola, lápis, etc., aumenta a coordenação das mãos e dedos assim como a coordenação visomotora.

Conforme o desenvolvimento psicomotor vai proporcionando a organização do esquema corporal da criança, seu desenho passa a refletir esse progresso. A omissão de alguns detalhes pode significar que esses detalhes ainda não foram assimilados significativamente pela criança.

Quanto ao desenvolvimento social, a arte reflete a assimilação de valores sócio-culturais, favorece a adaptação da criança e intensifica as relações em grupos. Dar oportunidades de criações coletivas como, confecção de painéis, montagens com sucata, montagem de cenários, decoração da sala, etc., propiciam momentos de cooperação e interação entre as crianças. Em relação às produções de painéis confeccionados apenas por professores, Borges, 1994. p112, afirma que :

Apenas quando conseguirmos modificar o nosso conceito de beleza em relação às produções infantis, entendendo por essa beleza o reflexo de um processo construtivo de relação com o mundo e consigo mesmo, é que passaremos a acreditar na importância de lutarmos por espaços escolares, onde a produção artística da criança possa estar constantemente presente.

É preciso que o professor de arte ofereça atividades relacionadas aos interesses das crianças e sua idade, atividades que agradem as crianças pequenas e as maiores. A organização das atividades deve garantir o planejamento da ação que irá realizar a organização do espaço a ser utilizado, o suprimento de materiais, e a postura deve favorecer o interesse pelo trabalho, valorizando a produção artística.

O professor não deve ditar a criança as cores e as formas que elas devem usar em suas produções. É o que concordam os seguintes autores:

Qualquer criança, aos 6-7 anos, sabe, exatamente, sobre as cores das coisas do mundo (sabe, perfeitamente, que a árvore é verde, o céu azul e a terra marrom). Se, entretanto, não as coloca em seus desenhos, é porque tem um motivo especial para isto, tal como os grandes pintores em suas obras de arte. (BORGES, 1994. p 115)

Nesse período de desenvolvimento gráfico e cognitivo, porém, a criança não está interessada em usar cores para mostrar o que sabe sobre o mundo real. Ela utiliza as cores de sua preferência, ou por seu impacto emocional, revelando seu estado psíquico no momento de desenhar. Pode usar apenas uma cor ou várias; pode conscientemente tentar usar um pouco de cada uma. Isso varia e depende de cada criança – é seu estilo de expressão e, muito provavelmente, é uma forma de escolha pessoal que aparece de formas semelhantes em outras técnicas (pintura e colagem). (CAMARGO, 1981. p 41)

As crianças, em seus desenhos, realizam formas que envolvem curvas em direções variadas, com o tempo esses traços se diferenciam nas direções das primeiras figuras, e a criança passa a atribuir significados ao que produz, isso reflete um progresso interno que indica a capacidade crescente de representar coisas ausentes.

O desenho e a escrita envolvem a capacidade de representação como a linguagem oral, a brincadeira de faz de conta, a modelagem, e a dança, etc. A menos que a capacidade representativa da criança tenha atingido certo grau de progresso, as figuras desenhadas não apresentam semelhanças com aquilo que ela afirma ter feito. (SEBER, 1997. p 51)

O desenho constitui, portanto uma atividade representativa, que evolui na direção de semelhanças progressivas com os objetos existentes no mundo da criança. (SEBER, 1997. p 51)

Conforme a criança vai evoluindo em seu desenho também vai evoluindo em sua capacidade de expressão, é o que afirma Seber, 1997, p 220:

Ao dar um nome àquilo que registram no papel, as crianças deixam para trás a etapa dos rabiscos e conquistam outro patamar evolutivo, a do desenho propriamente dito. A convergência entre as expressões oral e gráfica manifesta avanços da capacidade representativa.

“Engedrada pelo desenvolvimento da função simbólica na criança, a evolução do desenho depende da evolução da linguagem e da escrita.” (MÈREDIEU, 1979.p. 103)

As atividades propostas na área de arte devem ajudar as crianças a desenvolverem a imaginação e a criação, fazendo e pensando sobre arte exercitando seus modos de expressão e comunicação.

3. Considerações finais

A educação em artes necessita de um trabalho contínuo e informado sobre os conteúdos e experiências relativas à materiais, às técnicas, as formas de vários momentos da história. Dessa forma a escola deve possibilitar a experiência dos alunos em aprender a criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística individual e grupal, considerando uma proposta de trabalho educacional que potencialize as possibilidades que os alunos têm de enriquecer seus conhecimentos nessa área, é preciso que o professor, ao ensinar arte, garanta a liberdade de imaginar e criar produções artísticas, baseando-se na sua própria intenção, isso deve ser feito de maneira lúdica e prazerosa durante a atividade artística, favorecendo o desenvolvimento da criatividade dos alunos.

As aulas de arte não devem acontecer somente dentro da sala de aula, o professor também pode realizá-las em outros ambientes da escola, valorizando os espaços e sugerindo situações novas para as crianças. A troca de conhecimentos e experiências que ocorre durante as aulas permite os avanços educativo, cultural e humano.

O presente artigo contribui para que o pesquisador compreenda melhor a área de artes , melhorando as informações relacionadas ao tema, possibilitando uma visão diferenciada sobre o ensino de arte.

4 . Referências Bibliográficas

BORGES, Teresa Maria Machado. **A criança em idade pré-escolar**. São Paulo: Ática, 1994 (Série Educação).

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Luis (Org). **Arte-educação da pré-escola à universidade**. São Paulo: Nobel, 1989.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros passos)

FRANÇA, Gisela Wayskop. **O cotidiano da pré-escola**. Série IDÉIAS, 7: Fundação para o desenvolvimento da educação-FDE.

FERRAZ M. H. C. de T. e FUSARI M. F. de R. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993 (Coleção Magistério 2º grau. Série formação de professores).

FIEST, Hildegard. **Pequena viagem pelo mundo da arte**. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Desafios).

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1979.

NISKIER, Arnaldo. **LDB a nova lei da educação**: tudo sobre a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional: Uma visão crítica. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil**: o caminho da construção. São Paulo, Scipione, 1997